

Uma Análise dos Modelos da Tomada da Terra Prometida

Luciano R. Peterlevitz

Resumo

Há um intenso debate nas pesquisas veterotestamentárias referente à tomada da Palestina pelo povo de Deus. Por um lado, há estudiosos que argumentam que não houve uma “conquista” da terra, mas sim uma migração de nômades do deserto para a terra sedentarizada, ou, como afirmam outros, teria acontecido uma transumância, onde os nômades se infiltraram gradualmente na terra sedentarizada através de um longo processo. Por outro lado, algumas pesquisas têm apontado que a tomada da terra é resultado de uma revolução sociológica ocorrida na Palestina por volta de 1250 a 1050 a.C., onde os camponeses se revoltaram contra o regime cananeu feudalista, ocasionando a queda desse regime e o surgimento de uma nova classe em Canaã, denominada de Israel. E finalmente, outros pesquisadores têm sustentado que de fato houve uma conquista bélica da terra, quando os hebreus invadiram-na e confrontaram os seus moradores, como relata o livro de Josué.

Palavras-chave: terra, hebreus, cananeus, nômades

Abstract

An analysis of the models for the entrance in the promised land

There is an intense debate regarding the entrance in Palestine by God's people. There are researchers that say that there was not a conquest of land, but a migration of desert nomads to a sedentary land. Others say that a social transformation would have occurred where the nomads would arrive gradually in the sedentary land. In the other hand, there is research that indicates that the conquest of the land is the result of a social revolution occurred in Palestine around 1250 to 1050 BC., where the contryman rebelled against the feudal cananean regimen of the land appearing a new social class in Canaan called Israel. Finally, some researchers have affirmed that, in fact, there was a belical conquest of the land when the Hebrews invaded Palestine and confronted it's people as it is presented in Joshua's book.

Key words: land, hebrews, Canaan, nomads

Introdução

Há um intenso debate entre os pesquisadores bíblicos concernente à tomada da terra da Palestina pelos hebreus. Para alguns pesquisadores o livro de Josué transmite um quadro simplificado e idealizado. Os caps 1-12 narram a tomada de Canaã sob a liderança de Josué. Muitos eruditos do Antigo Testamento alegam que Js 1-12 foi editado por homens piedosos, e o que predomina nesses capítulos é a teologia deuteronomista (teologia oriunda de Deuteronomio).

O livro de Juízes nos traz um quadro diferente que fora descrito por Josué. Nada se alude a uma conquista liderada por um homem, como se faz em Josué.¹ Antes, Juízes 1.19,21,27-35 descreve como as várias tribos isoladamente tomaram a Palestina. Uma leitura de tais textos revela que as tribos não expulsaram os habitantes da planície. Isso é dito claramente sobre Judá (Jz 1.19). As regiões montanhosas foram os lugares onde inicialmente os hebreus instalaram-se, pois as montanhas não tinham uma ocupação tão intensa pelos cananeus como tinham as planícies. Isso explica porque, num período posterior, todos os centros proeminentes de Israel situam-se nas montanhas.

Há, pois, diferentes maneiras de se lê a conquista da terra, dentro do próprio texto bíblico. Há, também, diversas opiniões entre os eruditos sobre esse assunto. Passemos agora a descrever alguns modelos argumentativos sobre a tomada da terra, que são fundamentados principalmente em Nm 13; Josué 1-12 e Juízes 1.

1. A tomada da terra como resultado da migração

Este modelo foi desenvolvido desde a segunda metade do século 19.² Segundo ele, a Palestina não foi conquistada por um Israel uniforme, mas por várias ondas de nômades migrantes, provindos do deserto, de diversos lugares e em momentos diferentes. Alguns grupos vieram do sul, outros, do leste. Dentre esses grupos estava o de Moisés, que trouxe à Palestina as tradições do Êxodo e a fé em Javé. Algumas vezes o processo de sedentarização desses grupos se dava de forma pacífica. Isso acontecia quando os nômades migravam para as regiões montanhosas. Mas na maioria das ocasiões os nômades encontravam resistência da população cananita, resultando em confrontos bélicos. Neste sentido, houve uma “conquista” da terra. A arqueologia tem descoberto que muitas cidades cananêias foram destruídas no fim da Idade do Bronze e na incipiente Idade do Ferro I. No entanto, segundo informa Donner, não há indícios de que haja grupos de nômades guerreiros com capacidade de realizar tais ações na Palestina no fim do 2º milênio a.C.³

2. A tomada da terra como resultado da infiltração

Este modelo foi proposto por *Albrecht Alt*. Ele advogou que a ocupação da terra é resultado da infiltração de nômades criadores de gados miúdos, provindos das margens do deserto e da estepe. Num primeiro estágio (estágio da *transumância*), os nômades trabalhavam com pastagens nas régias montanhosas cobertas de mato, até que gradualmente passaram para sedentariade. A este estágio não podemos chamar de conquista da terra. Somente num segundo estágio é que ocorreu confrontação bélica dos nômades contra os cananeus.⁴

¹ No entanto, existem outros elementos que negam a possibilidade de uma contradição entre Josué e Juízes. Veja uma discussão em Arthur Cundall e Leon Morris. *Juízes e Rute – introdução e comentário*, São Paulo, Edições Vida Nova e Editora Mundo Cristão, 1992, p.21-23.

² Veja L. B. Paton, “Israel’s conquest of Canaan”, em *Jornal of Biblical Literature*, vol. 32, p.1-53.

³ Herbert Donner, *História de Israel e dos povos vizinhos*, tradução de Cláudio Molz e Hans Trein, São Leopoldo, Sinodal, vol.1, 1997, p.145.

⁴ Albrecht Alt, *Terra Prometida – Ensaio sobre a História de Israel*, tradução de Haroldo Reimer, São Leopoldo, Sinodal, 1986, p.59s. Alt alude, no entanto, a uma exceção. Trata-se do conflito em Siquém, entre as tribos de Simeão e de Manasses com os cananeus, narrado em Gn 34. As outras tribos passaram de forma pacífica pelo estágio de transumância no deserto ou no estepe à terra agricultável. É proposto um exemplo através da saga de Isaque, onde a tribo representada na figura de Isaque entra em contado vicinal com a cidade cananêia Gerar (Gn 26).

Martin Noth insiste que a ocupação da Palestina pelos nômades foi um processo pacífico. Eles transumaram e se estabeleceram em regiões pouco povoadas. Isso significa que a ocupação foi uma ação muito prolongada, não somente porque “cada tribo necessitou de certo tempo para fazer-se dona de seu território, senão também porque não todas as tribos se assentaram ao mesmo tempo”⁵.

Esses dois modelos, o da migração e da infiltração, têm um problema muito sério: a questão dos nômades. Segundo alguns eruditos, uma analogia moderna do sistema beduíno palestinese e sua projeção para o 2º milênio têm fracassado. É muito questionável se existiu no 2º milênio nômades de transumância. Pois, o “semi-nômade, via de regra, não é nenhum agricultor em potencial, i.e, não anseia deixar seu estilo de vida, e por outro lado, é pouco convincente atribuir a estepe o perigo da superpopulação, que, justamente, não é fenômeno do semi-nomadismo, mas da agricultura”⁶.

3. A tomada da terra como resultado de uma revolta

Segundo este terceiro modelo, vários grupos explorados pela sociedade cananita, juntamente com o grupo de Moises que saiu do Egito e trouxe a fé em Javé, uniram-se contra o domínio cananita. Essas pessoas marginalizadas e exploradas eram chamadas de ‘*apiru* (termo relacionado com “hebreu”). Assim, a tomada da terra não é resultado de migração de israelitas que vieram de fora da Palestina, nem de nômades provindos do deserto. Antes, a tomada da terra é fruto de uma revolução sociológica ocorrida por volta de 1250 a.C. na Palestina, que resultou no “Israel Libertado”. Um dos expoentes desse modelo é *Norman K. Gottwald*⁷. Sendo assim, Israel era composto predominantemente por cananeus nativos que se revoltaram contra seus senhores feudais e ajuntaram suas forças a um grupo de invasores e/ou infiltradores vindos do deserto. Outro grupo de estrangeiros, o de Moisés, entrou em Canaã trazendo consigo a fé no Deus Javé libertador e forneceu o estimulante necessário para fomentar nas subclasses cananéias oprimidas uma ânsia à revolução. Assim, um javismo (religião de Javé) externo entrou em Canaã. Também existia em Canaã um conjunto nitidamente delineado de tradições de povos diversos. Dentre essas, estavam as dos cananeus residentes, os quais secundariamente foram atraídos para o grupo javista. Então, começa-se a formar uma grandeza chamada Israel, a partir da aglutinação de vários povos/grupos. A peculiaridade de todos esses grupos era um anseio por uma revolta contra o sistema opressor cananeu.

Segundo essa percepção, Israel se constituiu sob as condições do feudalismo cananeu. De fato existem indícios que Israel é um dos segmentos do fenômeno ‘*apiru*. A tribo de Issacar, por exemplo, é chamada de “jumento robusto” (Gn 49.14). “Issacar” é uma composição dos termos ‘*ish* “homem” e ‘*sbhr* “assalariar”, que significa “homem assalariado”. Isso leva alguns pesquisadores a concluir que essa tribo surgiu em Canaã debaixo da opressão do feudalismo cananeu. A tribo de Issacar é o produto final de um processo de independização de camponeses cananeus (durante o 12º e 11º século a.C.).⁸

⁵ Martín Noth, *História de Israel*, tradução revisada por el Prof. Dr. Juan A. G., Barcelona, Ediciones Garriga, 1966, p.77 (conferir p. 72-89).

⁶ Milton Schwantes, *História de Israel – Local e Origem*, São Leopoldo, Faculdade de Teologia, 1984, p.37.

⁷ Norman K. Gottwald, *As tribos de Jaweh – Uma Sociologia da Religião de Israel Libertado – 1250 – 1050 a.C.*, tradução de Anacleto Alvarez, São Paulo, Paulinas, 1986. Conferir também Nelson Kilpp, “A Sociedade e a religião do Israel libertado”, em *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, Faculdade de Teologia, vol. 22, 1982, p.243ss; Milton Schwantes, *História de Israel – Local e Origem*, p.36-39.

⁸ Milton Schwantes, *História de Israel – Local e Origem*, p.68-71.

Assim como os dois primeiros modelos, esse terceiro modelo enfrenta um problema relacionado aos nômades. Pois estava arraigada na consciência de Israel sua herança nômade. Isso se vê claramente na tradição êxodal de Israel: o povo de Deus vem do Egito. Portanto, a negação de qualquer pré-história nômade de Israel não encontra nenhuma probabilidade histórica a seu favor.⁹

4. A tomada da terra aconteceu por uma conquista bélica

Historizando o livro de Josué, alguns pesquisadores afirmaram que a Palestina foi tomada pela liderança de um homem, Josué. O livro de Josué foi escrito muito antes do Deuteronômio, talvez, logo depois dos acontecimentos narrados no livro. Alguns dos expoentes dessa percepção são: W. F. Albright¹⁰; G. E. Wright¹¹; J. Bright¹² e Y. Kaufmann¹³. Este último reconhece que o relato de Josué sobre a conquista da terra contém algum caráter legendário, mas advoga que possui um fundo histórico. Um dos argumentos para se sustentar tal modelo é que houve uma ampla destruição das cidades cananéias no final do século 13º a.C., segundo algumas descobertas arqueológicas.

Os críticos do modelo da conquista bélica tecem pelo menos duas afirmativas: 1ª – A narrativa de Juízes 1 refere-se a uma conquista individual das tribos. Não seria, pois, uma conquista unitária, efetuada por todo o Israel. 2ª – Os dados arqueológicos não são objetivos. Estão sujeitos à interpretação. Segundo os críticos do modelo da conquista, Jericó foi destruída no século 14º a.C. Não há indícios de destruição dessa cidade nos séculos 13 – 12 a.C. A cidade de Ai também já tinha sido destruída muito tempo antes, no 3º milênio a.C. Gibeon não era nenhuma cidade importante na época de Josué, segundo mostra a arqueologia (cf. Js 9). Mas aqueles que usam a arqueologia para mostrar que as cidades de Jericó, Ai e Gibeon não foram conquistadas no fim do 2º milênio, como afirma a Bíblia, estariam usando os dados puros da arqueologia? Não seriam também essas informações da arqueologia *meras interpretações*?

Conclusão

Para finalizar, fazemos duas considerações, a partir de Donner¹⁴, sobre a tomada da terra e dos quatro modelos propostos acima:

1. Num longo processo, vários tipos de nômades, criadores de gado e que praticavam agricultura, passaram para uma vida sedentária. Dentre esses, estava o grupo de Moises, que trouxera para Palestina a fé em Javé, bem como a tradição do êxodo e a aliança do Sinai. Esse grupo se uniu com outros grupos que fugiam da exploração das cidades cananéias.

2. Por volta de 1200 a.C., na Idade do Bronze Recente, as cidades-estados cananéias entraram em crise. Isso contribuiu à revolta dos *'apiru*. O principal elemento que uniu os grupos é a religião em torno de Javé, e também um sentimento de anticananeísmo. As experiências que

⁹ Herbert Donner, *História de Israel e dos povos vizinhos*, p.150.

¹⁰ W. F. Albright, *The Archaeology of Palestine*, Penguin, Baltimore, 1960.

¹¹ G. E. Wright, "Epic of conquest", em *Biblical Archaeology*, Philadelphia, Westminster Press, 1962.

¹² John Bright, *História de Israel*, tradução de Alexandre Solano Rossi e Eliane Cavaliere Solano Rossi, São Paulo, Paulus, 7ª edição, 2003.

¹³ Y. Kaufmann, *The Biblical Account of the Conquest of Palestine*, Jerusalém, 1953; "Traditions Concerning Early Israelite History in Canaan", *Scripta Jerosolimitana* Jerusalém, vol. 8, 1961, p.303-334.

¹⁴ Herbert Donner, *História de Israel e dos povos vizinhos*, p.150-151.

o grupo do deserto trouxera será fundamental para unir cada vez mais os grupos em torno de uma causa comum: criar uma nova sociedade dentro de Canaã, chamada de “Israel”.

Portanto, não se pode negar o fato de que “Israel”, o grupo de Moisés, veio do Egito pelo deserto e adentrou a terra prometida. Mas também não se pode afirmar que “Israel” compunha-se exclusivamente de hebreus vindos do Egito. Pois alguns grupos nativos da Palestina continuaram sua existência juntamente com os hebreus. A família de Raabe permaneceu entre os hebreus que vieram do deserto (Js 6.25). Muitos estrangeiros e nativos viviam no meio deles, e até participavam do cerimonial de leitura da lei (Js 8.30-35)! Além disso, há vários textos que aludem a vivência entre hebreus e os povos da Palestina (Js 13.13; 14.6; 15.63; 20.9). É certo que essa vivência desagradou ao Senhor (23.12). Mas é certo que historicamente ela aconteceu. Deste modo, “Israel” se tornou uma aglutinação de vários povos.

Bibliografia

- ALBRIGHT, William F., *The Archaeology of Palestine*, Penguin, Baltimore, 1960.
- ALT, Albrecht, *Terra Prometida – Ensaio sobre a História de Israel*, tradução de Haroldo Reimer, São Leopoldo, Sinodal, 1986.
- BALANCIN, Euclides Martins, *História do povo de Deus*, São Paulo, Paulus, 1989.
- BRIGHT, John, *História de Israel*, tradução de Alexandre Solano Rossi e Eliane Cavaliere Solano Rossi, São Paulo, Paulus, 7ª edição, 2003.
- CUNDALL, Arthur e MORRIS, Leon, *Juízes e Rute – introdução e comentário*, São Paulo, Edições Vida Nova e Editora Mundo Cristão, 1992.
- DONNER, Herbert, *História de Israel e dos povos vizinhos*, tradução de Cláudio Molz e Hans Trein, São Leopoldo, Sinodal, vol.1, 1997, 268p.
- GOTTWALD, Normam K., *As tribos de Jaweh – Uma Sociologia da Religião de Israel Libertado – 1250 – 1050 a.C.*, tradução de Anacleto Alvarez, São Paulo, Paulinas, 1986.
- KAUFMANN, Y., *The Biblical Account of the Conquest of Palestine*, Jerusalém, 1953.
- _____, “Traditions Concerning Early Israelite History in Canaan”, *Scripta Jerosolimitana* Jerusalém, vol. 8, 1961, p.303-334.
- KILPP, Nelson, “A Sociedade e a religião do Israel libertado”, em *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, Faculdade de Teologia, vol. 22, 1982, p.243-263.
- NOTH, Martín, *História de Israel*, tradução revisada por el Prof. Dr. Juan A. G., Barcelona, Ediciones Garriga, 1966.
- PATON, L. B., “Israel’s conquest of Canaan”, em *Jornal of Biblical Literature*, Philadelphia, The Society of Biblical Literature, vol. 32, p.1-53.
- SCHWANTES, Milton, *História de Israel – Local e Origem*, São Leopoldo, Faculdade de Teologia, 1984.
- WRIGHT, G. E., “Epic of conquest”, em *Biblical Archaeology*, Philadelphia, Westminster Press, 1962.